

Embates prefaciais: a disputa de sentidos sobre *O negro no futebol brasileiro*

Prefaces in Conflict:
Disputing the Meanings of *The Black Man in Brazilian Soccer*

Vinicius Garzon Tonet

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutorando em História, UFMG

RESUMO: Este artigo analisa os prefácios da primeira edição de *O negro no futebol brasileiro* (1947), de Mário Filho, à luz da teoria dos paratextos de Gérard Genette, segundo a qual elementos liminares como o prefácio operam como moduladores da leitura. A “Nota ao Leitor”, de autoria do próprio Mário Filho, explicita uma crítica às fontes escritas e reivindica a legitimidade da oralidade como método historiográfico. Já o prefácio redigido por Gilberto Freyre inscreve o livro na tradição dos grandes ensaios de interpretação do Brasil, por compreender o futebol como “instituição nacional” e lugar privilegiado para a análise das relações étnico-raciais na modernidade brasileira. Por fim, examina-se o “embate prefacial” com Tomás Mazzoni, que rejeita frontalmente a metodologia ensaística e oral defendida por Mário Filho, reiterando uma concepção factualista de história baseada na primazia dos documentos escritos. Defende-se que esse confronto de perspectivas revela uma disputa mais ampla sobre os modos de representar o passado no Brasil. Ao privilegiar os paratextos, o artigo propõe um retorno crítico ao livro, reposicionando *O negro no futebol brasileiro* como peça-chave da cultura intelectual brasileira do século XX e como marco na construção de uma narrativa histórica, interpretativa e engajada sobre o país e o futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Mário Filho; Gilberto Freyre; Tomás Mazzoni; *O negro no futebol brasileiro*; Prefácios.

ABSTRACT: This article analyzes the prefaces to the first edition of *O negro no futebol brasileiro* (The Black Man in Brazilian Soccer, 1947), by Mário Filho, in light of Gérard Genette's theory of paratexts, according to which liminal elements such as the preface operate as modulators of reading. The “Nota ao Leitor” (Note to the Reader), authored by Mário Filho himself, makes explicit a critique of written sources and asserts the legitimacy of orality as a historiographical method. The preface written by Gilberto Freyre, on the other hand, inscribes the book in the tradition of major interpretive essays on Brazil, by understanding football as a “national institution” and a privileged site for the analysis of ethnic-racial relations in Brazilian modernity. Finally, the “prefatory clash” with Tomás Mazzoni is examined; Mazzoni openly rejects the essayistic and oral methodology advocated by Mário Filho, reiterating a factualist conception of history based on the primacy of written documents. It is argued that this confrontation of perspectives reveals a broader dispute over the modes of representing the past in Brazil. By privileging the paratexts, the article proposes a critical return to the book, repositioning *O negro no futebol brasileiro* as a key piece of 20th-century Brazilian intellectual culture and as a landmark in the construction of a historical, interpretive, and engaged narrative about the country and football.

KEYWORDS: Mário Filho; Gilberto Freyre; Tomás Mazzoni; *O negro no futebol brasileiro*; Prefaces.

O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO: PREFÁCIOS COMO OPERADORES DE SENTIDO

Desde a sua publicação, ou até mesmo antes dela, ao longo de 1946, nas páginas de *O Globo*,¹ *O negro no futebol brasileiro (NFB)*² nunca deixou de ser lido, discutido e editado. As suas duas primeiras editoras compartilhavam uma ambição editorial voltada à publicação de obras que buscassem interpretar as particularidades históricas nacionais e o livro de Mário Filho bem se encaixava na proposta.³ Lançado pela Pongetti, em 1947, passou por uma ampliação,⁴ em 1964, quando foi editado pela Civilização Brasileira e compôs a coleção “Retratos do Brasil”. Em 1994, a Editora Forno, em virtude das comemorações do centenário da implantação do futebol no Brasil, contado a partir de sua introdução por Charles Miller, publica a 3ª edição de *NFB*. No ano de 2003, a Editora Mauad e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), no âmbito do Projeto Memória Social dos Esportes, reeditam o livro. Por fim, em sua 5ª edição, também pela Mauad (2010), lê-se na capa: “obra clássica”. Dificilmente alguém discordaria de tal juízo: foi um dos primeiros a abordar o esporte com maior complexidade, vendo nele, além da natureza esportiva, um fenômeno cultural e social relevante. Por essas razões, inclusive, foi considerado pela *Folha de São Paulo* um dos “200 importantes livros para entender o Brasil”.⁵ Além disso, Mário Filho e sua criação são sempre convidados a participar de debates. Nos últimos anos, o prestígio e relevância da obra revelam-se na série documental produzida por Lucy e Luiz Carlos Barreto e exibida pela HBO, em 2018, inspirada na

¹ No ano de 1946, Mário Filho deu início no jornal *O Globo*, em sua coluna diária “Da primeira fila”, em um formato similar aos dos tradicionais folhetins, ao que viria ser, no ano seguinte, o livro *O negro no foot-ball brasileiro*. A compilação dos textos da coluna, com alterações mínimas, foi publicada pela Irmao Pongetti Editores com prefácio de Gilberto Freyre e “Nota ao leitor” escrita por Mário Filho.

² A grafia do título original é *O negro no foot-ball brasileiro*. Para todos os fins, assumiremos a grafia consolidada desde 1964.

³ O historiador Fábio Franzini (*À sombra das palmeiras*, p. 75), ao escrever sobre a editora José Olympio, constata: “Afinal, ele [José Olympio] também acreditava que ‘um país se faz com homens e livros’, a ponto de adotar esta emblemática frase lobatiana como lema de sua empresa. E não era o único, por certo. Octalles, Schmidt, Cruls e Grieco, os Pongetti, Galeão Coutinho, Henrique Bertaso e outros mais também pareciam dispostos a pôr o país em sintonia consigo mesmo e com o mundo”.

⁴ São quatro os capítulos originais que organizam a obra de 1947: “Raízes do Saudosismo”, “O campo e a pelada”, “A revolta do preto” e “A ascensão social do negro”. A partir de sua segunda edição, lançada pela editora Civilização Brasileira, em 1964, o “foot-ball” do título tornou-se “futebol”, assim como outras palavras foram aportuguesadas. Além de algumas alterações no texto, dois novos capítulos foram acrescentados – “A provação do preto” e “A vez do preto” – como os 5º e 6º. Esta se converteu na versão consolidada.

⁵ *200 anos, 200 livros*, 2025.

obra de Mário Filho e que leva o nome de seu mais famoso livro. Em 2021, o *NFB* ganhou tradução para o inglês: *The Black Man in Brazilian Soccer*, pela editora da Universidade de Carolina do Norte.

Diante dessa trajetória editorial ampla e da centralidade que assumiu tanto no campo esportivo quanto no debate público e acadêmico, o *NFB* consolidou-se como uma obra decisiva na formação de uma narrativa histórica sobre o futebol e sobre o país. Desse modo, este artigo propõe um retorno crítico à obra, tomando como objeto de análise os paratextos que acompanham o livro em sua primeira edição. Considerando os elementos paratextuais nos termos de Gérard Genette (2009)⁶ quando afirma que eles são responsáveis tanto por apresentar o texto quanto por “garantir a sua presença no mundo”,⁷ esperamos compreender como Mário Filho e Gilberto Freyre encaminham a leitura do livro – como e por que ler? – e constroem para ele um lugar de enunciação discursiva – onde, na cultura intelectual, está situado?

Em *Paratextos editoriais* (2009), Genette executa uma investigação minuciosa dos elementos liminares que cercam o texto.⁸ O ponto de seu estudo que nos interessa refere-se à atenção dada aos prefácios como formas peritextuais de mediação entre obra e leitor.⁹ Para Genette, o prefácio atua como um espaço de orientação, persuasão e enquadramento interpretativo. Ele o classifica como autoral ou alográfico, a depender de quem o assina, o próprio autor (prefácio autoral) ou uma figura distinta (prefácio alográfico).

Ao indagar-se “afinal de contas, o que fazem os prefácios?”, Genette identifica uma série de funções tradicionalmente atribuídas a eles, que podem se acumular ou

⁶ O autor afirma: “Esse texto [principal] raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro” (Genette, *Paratextos editoriais*, p. 9).

⁷ GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 9.

⁸ Genette define: “Chamarei aqui de prefácio toda espécie de texto liminar (preliminar ou pós-liminar), autoral ou alógrafo, que consiste num discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede” (Genette, *Paratextos editoriais*, p.145).

⁹ Segundo Genette: “Um elemento de paratexto, se pelo menos consiste numa mensagem materializada, tem necessariamente um lugar, que se pode situar em relação àquela do próprio texto: em torno do texto, no espaço do mesmo volume, como o título ou o prefácio, e, às vezes, inserido nos interstícios do texto, como os títulos de capítulo ou certas notas; chamarei de peritexto essa primeira categoria espacial, com certeza a mais típica” (Genette, *Paratextos editoriais*, p. 12).

se alternar conforme o contexto histórico e editorial.¹⁰ Para as nossas pretensões, é suficiente reter o básico: que o prefácio autoral “tem por função principal garantir ao texto uma boa leitura”;¹¹ ao passo que os alógrafos possuem como funções mais evidentes as de recomendação e apresentação. Ao longo de sua análise, Genette insiste que o prefácio é um lugar estratégico de intervenção no pacto de leitura, que atua como modulador da recepção e do horizonte de expectativas do leitor:

Qualquer que seja a intenção estética que se lhe acrescente, o paratexto não tem por desafio principal “tornar bonito” em volta do texto, mas, sim, assegurar-lhe um destino conforme aos desígnios do autor. Para isso, constrói, entre a identidade ideal e relativamente imutável do texto e a realidade empírica (sócio-histórica) de seu público [...] uma espécie de eclusa que lhes permite manter-se “no nível” ou, se preferirmos, um estrado que permita ao leitor passar sem muita dificuldade respiratória de um mundo a outro.¹²

Como elemento paratextual, o prefácio é, assim, um operador de sentido em função do texto que anuncia. Sobre o enfoque metodológico dado às figuras dos prefaciadores, Genette escreve:

A pertinência concedida aqui ao desígnio do autor, e, portanto, a seu “ponto de vista”, pode parecer excessiva, e de método bem ingênuo. Na verdade, é imposta pelo objeto cujo todo o funcionamento assenta-se, mesmo que às vezes o negue, no postulado simples de que o autor “sabe melhor” o que se deve pensar de sua obra.¹³

Retomando, então, o nosso objeto específico, compreendida a orientação fornecida por Genette, passemos à análise dos prefácios de *NFB*.

A ORALIDADE COMO MÉTODO: MÁRIO FILHO E A CRÍTICA ÀS FONTES ESCRITAS

A “Nota ao Leitor”, escrita por Mário Filho para introduzir o *NFB*, reconhece que, mais do que narrar acontecimentos, seria necessário firmar posição quanto a própria forma de produção da história do futebol nacional. Sendo assim, em seu prefácio, Mário Filho oferece ao público um conjunto de considerações metodológicas

¹⁰ GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 175.

¹¹ GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 176.

¹² GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 358.

¹³ GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 358.

que, além de justificar suas escolhas investigativas, tensiona modelos consagrados de legitimação do saber histórico sobre fontes escritas. Dito de outra maneira, o prefácio autoral é essencialmente uma reflexão sobre a sua metodologia de pesquisa. E o eixo argumentativo do autor considera que para compreender os mecanismos de exclusão e posterior inclusão da população negra nos campos de futebol, não bastaria consultar apenas os documentos oficiais ou confiar nas estatísticas dos almanques esportivos. Seria preciso deslocar a atenção das fontes escritas para as fontes orais, e assim, chegar à “intimidade dos fatos”.¹⁴

Esse gesto inaugural revela um traço distintivo na escrita da história de Mário Filho: a desconfiança metódica diante das fontes escritas. Ao explicitar o caminho de sua pesquisa, ele relata ter recorrido a jornais antigos, ao valioso álbum do goleiro Marcos de Mendonça, aos livros e atas oficiais das ligas e associações e à consulta direta a revistas esportivas como *Vida Sportiva*, *Crítica*, *Jornal dos Sports*, *O Globo* e *O Globo Esportivo*.¹⁵ Portanto, um conjunto significativo de fontes. Contudo, afirma, sem hesitação, que esses registros, apesar de úteis, não davam conta do essencial. Esses documentos diziam pouco sobre as tensões raciais que atravessavam o futebol ao longo dos anos. Em suas palavras: “Os documentos oficiais me mostraram que a história verdadeira se escreve de outro jeito”.¹⁶

Essa percepção conduziria Mário Filho à valorização da fonte oral como núcleo de sua pesquisa. Mais que um recurso complementar, os relatos de jogadores, dirigentes, jornalistas, cronistas e torcedores assumem, em sua narrativa, o papel de fundamento epistêmico. Trata-se, portanto, de uma opção metodológica, articulada à hipótese central da obra: a de que por trás das alegadas “barreiras sociais” à prática do futebol, ocultava-se a discriminação racial, não declarada, mas operante. O autor realiza sofisticado exercício de crítica documental e diagnostica as insuficiências das fontes escritas ao passo que justifica a sua fundamentação na oralidade:

As atas, a correspondência dos clubes não falam dos negros. As leis das entidades não tocam, nem de leve, em questões de raça. Limitando-se a levantar barreiras sociais, proibindo que trabalhadores braçais, empregados subalternos, contínuos, *garçons*, barbeiros, praças de pré e por aí

¹⁴ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 22.

¹⁵ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 22-3.

¹⁶ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 22.

afora jogassem futebol em clubes filiados. Eu fui, aos poucos, levantando o véu, ouvindo daqui, dali, reconstituindo a tradição oral, muito mais rica, muito mais viva do que a escrita dos documentos oficiais, graves, circunspetos, mas não diziam quase nada.¹⁷

Há, nessa postura, a manifestação de um princípio de adequação metodológica, em que a dinâmica de uso das fontes primárias respeita os objetivos norteadores da história. Essa opção permite que Mário Filho defina o grau de importância de cada documento, assim como o que é possível dizer a partir deles. Nesse sentido, as fontes orais constituíram-se como os principais fundamentos de sua pesquisa, responsáveis pelo enriquecimento da narrativa, tendo em vista que poderiam fornecer, pelo caráter testemunhal, algo que outros documentos omitiam ou silenciavam. Os relatos abririam uma porta para se conhecer o cotidiano de outrora, das “histórias com h minúsculo”, como postulado pelo antropólogo Gilson Pinto Gil.¹⁸

Mário Filho apresenta-se como historiador diligente que, ao buscar vestígios do passado, leva consigo dúvidas e conceitos. Nesse movimento, assume que os “documentos oficiais”, idealmente, seriam os pilares de um texto histórico, mas que em função de seu objeto, não seriam os mais adequados. Explica que ao lançar as suas indagações às fontes escritas, recebia como resposta um retumbante silêncio. Um silêncio que na verdade silenciava, que eliminava pelo “não dito” a “luta do negro” e tentava escamotear a “história verdadeira” do futebol brasileiro, impossível de ser escrita sem se levar em conta o racismo e o seu combate como forças sociais condicionadoras da vida no país.¹⁹

Com o intuito de romper com esse estado de coisas, Mário Filho faz uma escolha conhecendo suas consequências:

Eu preferia, porém, ouvir dirigentes, jogadores e torcedores. Ouvi centenas deles, de todas as épocas do futebol brasileiro. [...] Reuni, assim, um material de tal ordem que surpreendeu alguém cuja opinião prezo muito. O material era tanto, e com tamanho requinte de detalhe, que ficava a

¹⁷ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 22-3.

¹⁸ O antropólogo Gilson Gil propõe que a obra de Mário Filho seja lida em dois níveis: o macro e o micro. O primeiro “procura visualizar o todo, conceber as grandes forças civilizacionais do Brasil”; neste plano seria possível perceber “grandes linhas ordenadoras de nossa evolução histórica”. Como ressalta, o tom épico desse nível de leitura seria o “vetor capaz de ordenar e entrelaçar os eventos e relatos surgidos durante a narração”. O segundo, seria a história “vivificada por “nomes, acontecimentos, dilemas, casos, ironias, paixões e expectativas, isto é, histórias com h minúsculo” (Gil, *Humildes, mascarados e gênios*, p. 20).

¹⁹ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 22.

dúvida. A dúvida de como eu conseguiria reuni-lo, catalogá-lo, usá-lo numa narrativa corrente, sem um claro, uma interrupção. Eu não me teria valido da imaginação de romancista que ainda não publicou um romance? Não, eu não usei a imaginação.²⁰

Ora, quem prefere, avalia, põe na balança e, por fim, coloca algo à frente, estabelecendo uma gradação de valores. A preferência foi por trabalhar com as fontes orais, as falas dos próprios personagens. Esse artifício mostrava-se necessário, já que a história não poderia emergir da mudez da documentação oficial. Insistia tratar-se de uma investigação sobre o passado cujas fontes “permaneceriam ignoradas”,²¹ impossibilitando a inteligibilidade sobre a história social do futebol brasileiro, caso não optasse pelas fontes orais. Apenas o contato direto com “centenas” de pessoas, de “todas as épocas”, poderia atender às demandas da sua pesquisa.²²

Para reforçar a legitimidade desse procedimento, Mário Filho cita, nominalmente, 63 entrevistados. São apresentados ao leitor os personagens que teriam contribuído com seus testemunhos e depoimentos. Na urdidura de seu lugar como historiador do esporte, o autor busca afirmar um critério de controle sobre as suas fontes, sinalizando o esforço de sistematização e a densidade investigativa que sustentam a narrativa.

A carta pública de Marcos Carneiro de Mendonça a Mário Filho dá pistas sobre como o autor de o *NFB* conduzia suas investigações:

Não denunciar, entretanto, ao público o quanto você usou e abusou da nossa paciência, tirando-nos, por vezes, da cama às tantas da madrugada, perturbando a nossa vida com conversas intermináveis, cheias de ‘como é que é?’, e de ‘você se recorda?’, quando o assunto football era o último a nos interessar, seria esconder uma verdade que precisa ser proclamada.²³

O pesquisador Maurício Murad (1999) valoriza a postura metodológica do autor: “Mário não se baseou em causos. Pesquisou durante anos, conversou, anotou, conviveu, numa verdadeira observação participante”.²⁴ Luís Fernandes, prefaciador da 4ª edição da obra, avalia no mesmo sentido: “Esta opção metodológica situa *O negro no futebol brasileiro* como obra precursora do recurso sistemático à História

²⁰ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 23.

²¹ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 20.

²² RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 20-1.

²³ MENDONÇA. *Carta sobre o ‘Negro no Football Brasileiro’*, p. 5.

²⁴ MURAD. *Considerações possíveis de uma resposta necessária*, p. 437.

Oral como fonte da História Escrita, prática que só viria a se disseminar mais amplamente nas Ciências Sociais brasileiras décadas depois”.²⁵ Por outro lado, pesquisadores como Ronaldo Helal e César Gordon afirmam que “poderíamos entender *O negro no foot-ball brasileiro* como uma compilação de relatos da tradição oral do futebol”.²⁶ Na mesma linha, Antônio Jorge Soares considera que Mário Filho: “Opera com uma espécie de deslocamento de foco: qualquer ‘causo’ ou fato serve para colocar em destaque a separação entre brancos e negros (ricos e pobres), a resistência dos últimos aos primeiros e a singular integração nacional a partir do futebol”.²⁷ O debate sobre a centralidade das fontes orais para o desenvolvimento de *NFB* também aconteceu no contexto de publicação da obra. Retornaremos a ele na última seção do artigo. Por ora, conclui-se que a garantia de “boa leitura” estaria fundada, na percepção do autor, na explicitação do método que permitisse ao leitor aceitar o pacto não-ficcional e seguisse a sua leitura reconhecendo o valor histórico de *NFB*.

GILBERTO FREYRE E O FUTEBOL COMO INSTITUIÇÃO NACIONAL: MÁRIO FILHO, INTÉRPRETE DO BRASIL

Gilberto Freyre foi um dos maiores prefaciadores do Brasil e do mundo. Segundo Edson Nery da Fonseca: “De 1927 a 1977, Gilberto Freyre foi solicitado a escrever 150 prefácios, introduções e apresentações de obras textuais e pictóricas: a média é, portanto, de 3 prefácios por ano. [...] Trata-se de um recorde nacional”.²⁸ Além dos números impressionantes, a variedade dos prefaciados é espantosa: a influência de Freyre seria “transgeracional, transregional e multidisciplinar”.²⁹ A partir de tais evidências, é possível conjecturar a existência de uma via de mão dupla na relação entre Freyre e os seus prefaciados. O renomado pensador cancelava o texto, ao passo que se afirmava como renomado pensador por essa espécie de “onipresença prefacial”. Genette afirma que o prefaciador convidado, “seguro da posição dominante que geralmente sua notoriedade lhe confere”³⁰ cumpre, via de regra, como vimos, duas funções

²⁵ FERNANDES. *Futebol, racismo e identidade nacional*, p. 10.

²⁶ Helal; Gordon. *Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol*, p. 55.

²⁷ SOARES. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil*, p. 45.

²⁸ FONSECA. *Gilberto Freyre*, p. XXXV.

²⁹ FONSECA. *Gilberto Freyre*, p. XXXVIII.

³⁰ GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 239.

prefaciais: recomendação e apresentação. Ambas são contempladas por Freyre ao recomendar o livro e o autor ao passo que realiza um “comentário crítico” a partir de reflexões despertadas pela sua própria experiência de leitura.³¹

Logo no primeiro parágrafo, Freyre estabelece um lugar privilegiado da obra ao alinhar a gênese e o desenvolvimento do futebol à “história da sociedade e da cultura brasileiras” dentro dos movimentos da transição da sociedade brasileira de sua fase rural para a urbana.³² Portanto, de saída, Freyre aponta que o *NFB* era capaz de inovar, ao tratar de assunto ignorado, o futebol, dentro da tradição interpretativa social brasileira. Como toda uma geração, Mário Filho também possuiria a “preocupação central com os destinos da vida pública no Brasil, notadamente com as condições de um país de origem colonial e escravocrata, e com forte herança rural, ascender à vida moderna”.³³

E, dentro desse recorte que pensa na formação do Brasil moderno a partir de suas heranças coloniais, o futebol ganharia, para Freyre, relevo superior, uma vez que apresentaria ao público um elemento de transformação social inédito no país: o processo de ascensão social do negro. Assim, afirma a importância do esporte

para o estudo sociológico e psicológico da ascensão do negro e do mulato na sociedade brasileira, [uma vez que] entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte ou trinta anos – de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuzo no Brasil, nenhum excede, em importância, ao futebol.³⁴

Desse modo, o estudo de Mário Filho revelaria um futebol que não era um “esporte igual aos outros”, mas “verdadeira instituição brasileira”.³⁵ Freyre afirma o caráter institucional do jogo não como uma metáfora grandiloquente, como se poderia pensar. A utilização do termo vincula-se à sua apropriação criativa do texto de Mário Filho. O futebol seria uma “instituição nacional”, pois cumpriria, de fato, uma missão inseparável da civilização, qual seja, a de canalizar energias sociais novas, oriundas do fenômeno da “transição da fase predominantemente rural para a predominantemente urbana” da vida brasileira.³⁶ Nesse sentido, afirma: “Creio não dizer novidade

³¹ GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 238.

³² FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 24.

³³ RODRIGUES, *O conceito de formação na historiografia brasileira*, p. 258.

³⁴ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 25.

³⁵ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 25.

³⁶ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 24.

nenhuma repetindo que por trás da instituição considerável que o futebol tornou-se em nosso país se condensam e se acumulam, há anos, velhas energias psíquicas e impulsos irracionais do homem brasileiro, em busca de sublimação”.³⁷

Por ter sido capaz de canalizar as energias dispersas: “animais”, “transbordantes”, “irracionais” – portanto, profundamente violentas, imprevisíveis, incontidas e desagregadoras, o futebol

tornou-se o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente – pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa – de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol – ou de algum equivalente de futebol – na verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teriam provavelmente assumido formas de expressão violentamente contrárias à moralidade dominante em nosso meio.³⁸

Portanto, a instituição futebol ofereceria ao Brasil moderno e urbano um caminho exemplar a ser seguido nessa nova etapa da nacionalidade na qual seria necessário regular os efeitos da transição da sociedade rural para a urbana. Nessa lógica, sem o futebol as energias primais que, segundo Freyre, eram observadas no “cangaceirismo”, na “capoeiragem”, no “samba” e na “malandragem” teriam atuado como fatores de degeneração violenta ou improdutividade nacional. O futebol seria capaz de capitalizar forças destrutivas – “elementos irracionais” – em “vigor híbrido” organizador de cultura.³⁹

A partir daí, Freyre mobiliza as categorias “apolíneo” e “dionisíaco” para elevar o nome de Domingos da Guia como o principal representante desse futebol civilizador. Ao equipará-lo a Machado de Assis, afirma:

Apenas há num e noutro um domínio sobre si mesmos que só os clássicos – que são por definição, apolíneos – possuem de modo absoluto ou quase absoluto, em contraste com os românticos mais livremente criadores. Mas vá alguém estudar a fundo o jogo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará decerto nas raízes de cada um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca. Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é [...]. Sublimando tanto do que é mais primitivo,

³⁷ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 24.

³⁸ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 24-5.

³⁹ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 25.

mais jovem, mais elementar, em nossa cultura, era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente de negro ou do mulato, o cafuzo, o mestiço.⁴⁰

Dessa forma, para Freyre, o futebol brasileiro ganha contornos institucionais por suas feições apolíneas, e não pelas dionísicas como se poderia imaginar. Domingos da Guia e Machado de Assis são grandes orquestradores, ordenadores, heróis civilizadores, poderíamos dizer, que pelo seu vigor normativo são capazes de elevar-se sobre o caótico, o dispersivo, o furioso, o instintivo, o inconsciente, enfim, o dionísico, e fundar o Brasil moderno. O substrato autenticamente brasileiro é fornecido sim pelos elementos dionísicos, mas só é efetivado como força construtora de realidade social e cultural quando dominado pelo apolíneo. O “drible pelo drible” seria acrobacia inofensiva, pirueta inútil, lance transitório e frívolo. O lúdico poderia ser capaz de encantar, mas não de fundar. É pela sua obediência à disciplina ordenadora, que o drible (o impensado, a surpresa) tornar-se-ia diferencial cultural do Brasil perante o mundo. Em suma, o dionisíaco só se torna eficaz quando condicionado pelas fronteiras do apolíneo. Pelo futebol, o elemento caótico seja o violento, seja o lúdico improdutivo, ambos dispersos na sociedade, seriam transformados em elementos de ordem criadora. E toda essa reflexão contemporânea sobre os rumos do Brasil moderno seria aberta pelo ensaio histórico de Mário Filho. Antes de prosseguirmos, vale, então, propor um recuo e compreender como a afirmação da dimensão ensaística de *NFB* por Freyre é relevante para situar o livro como obra de interpretação profunda sobre o Brasil.

ENSAIO E INTERPRETAÇÃO DO BRASIL

Ao refletir sobre o ensaio na cultura intelectual brasileira, Fernando Nicolazzi (2011) conclui que, localizado na fronteira dos saberes naturais, literários, sociais e históricos, ele seria capaz de aglutiná-los, transformando-se em “modelo de escrita” que reúne “campos disciplinares que hoje são tidos por distintos”.⁴¹ Essa observação é especialmente pertinente, pois destaca que o hibridismo da forma também é o de

⁴⁰ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 25.

⁴¹ NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 400.

seu conteúdo, sendo essa a “própria condição ensaística”.⁴² Essa condição aglutinadora ganha contornos históricos específicos no período analisado por Nicolazzi, início do século XX, quando o ensaio passa a ser o meio de expressão privilegiado para a produção de discursos interpretativos sobre o Brasil.⁴³

Nicolazzi aponta, desse modo, para apropriação da natureza antidogmática do ensaio para a produção de discursos sobre o Brasil “como um todo dado à interpretação”.⁴⁴ Sendo assim, o ensaísta não recusaria, a princípio, nenhum elemento que em tese pudesse contribuir para o seu pensamento sobre o Brasil: fonte, objeto, hipótese. Ele próprio, o pensador, está implicado na teia da realidade social sobre a qual pretende produzir sentido e não interpreta apenas para compreender “*o que era a nação brasileira*”, mas também para criar condições de “*ação sobre a pátria*”.⁴⁵

Dessa perspectiva, o ensaio é meio de ação em que a análise do evento isolado de sua conexão com o presente e possibilidade de reflexão sobre o futuro pouco participa. Há uma sensualidade no método ensaístico em que passado, presente e futuro se interpenetram: perseguem-se um ao outro, estão em permanente tensão, relacionam-se pela indicação do olhar do intérprete e revelam-se pela escrita, cuja função é justamente evidenciar as linhas de continuidade da experiência histórica, mais do que organizá-las em uma cadeia causal fechada e apartadas de suas recepções contemporâneas. Essa escrita, movida pelo desejo de intelecção e transformação, não se ancora, como se vê, na pretensa neutralidade do autor ou na transparência do documento, mas na aposta de que a forma mesma do texto pode ser o instrumento de cognição. Com isso, o ensaio, tal como o entende Nicolazzi, se configura como uma prática intelectual comprometida com a intervenção no mundo, e não apenas com sua descrição, em um gesto de pensamento e invenção do Brasil em que pensar é também agir:

⁴² NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 375.

⁴³ Nicolazzi afirma: “A conjectura que se levanta, portanto, é a de que o ensaio histórico das primeiras décadas do século XX desponta no limiar entre as intenções sintéticas da História literária e as pretensões eruditas da Historiografia convencional. É legítimo, assim, defini-lo como o esforço de sistematização de uma realidade histórica, não se resumindo à simples concatenação dos fatos em períodos, sem uma atenção detida em relação ao método crítico historiográfico, mas também sem a redução documental proposta pela história da Literatura, em que a ideia de fonte era, de maneira geral, sinônimo de texto literário” (Nicolazzi, *Um estilo de história*, p. 399).

⁴⁴ NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 385.

⁴⁵ NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 417.

o ensaio histórico-sociológico seria uma forma privilegiada para representar o País, não no sentido da descrição ufanista de suas paisagens e de seu povo, à maneira de certo romantismo, mas como representação que conduz à tarefa de solucionar os impasses sociais vivido pela nação.⁴⁶

Nesse caminho, o ensaio histórico, segundo Nicolazzi, tem em Freyre uma expressão grandiosa, uma vez que “*Casa Grande & Senzala* define um estilo ímpar de escrita da História, no qual as tarefas de representar o passado da nação e ordenar sua temporalidade emergem consoantes à promulgação de um sentido de continuidade histórica”.⁴⁷ Assim, o ensaio operaria em uma temporalidade distinta da erudição factualista, que separaria rígida e artificialmente as fronteiras entre passado e presente. Como expresso por Freyre e interpretado por Nicolazzi, a temporalidade do ensaio é a da continuidade, residindo aí a força de sua intervenção interpretativa. Desse modo, se a escrita é exercício intrinsecamente vinculado ao objeto, da mesma maneira que o presente se abre violentamente ao passado, o estilo narrativo é fundamental para instaurar esse modo de apreensão interpretativo. Segundo Nicolazzi, em Freyre: “Escrever de maneira cotidiana e íntima, como se estivesse falando a mesma língua falada pelos personagens que narra, era também uma prática de *empatia*, espécie de postura metodológica essencial em sua pesquisa”.⁴⁸

Retornando, então, ao prefácio de Freyre, Mário Filho é apresentado como “escritor ágil e plástico”, “pesquisador inteligente e pachorrento”, “mais próximo do que nunca daquela sociologia dos esportes para a qual sou dos que desejariam ver Mário Filho se encaminhar cada vez mais, através de estudos mais demorados e mais profundos do assunto”.⁴⁹ E conclui dizendo que “é este livro de Mário Filho um dos mais originais e mais sugestivos escritos ultimamente por brasileiro”.⁵⁰ Para além dos corriqueiros elogios, o prefácio autoriza a posição do autor como ensaísta e intérprete da realidade social, assim como desperta o leitor para a importância crucial do livro que tem em mãos, uma vez que entender o futebol passa a ser elementar para compreender o Brasil. E, para conhecer o jogo, é preciso saber a sua história

⁴⁶ NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 434.

⁴⁷ NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 458.

⁴⁸ NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 434.

⁴⁹ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 26.

⁵⁰ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 26.

“híbrida, mestiça, cheia de raízes ameríndias e africanas e não apenas europeias”.⁵¹ Nesse sentido, é Mário Filho, em “seu ensaio”, quem “nos põe diante do conflito entre estas duas forças imensas – a racionalidade e a irracionalidade”.⁵² E que “agora vai sendo estudada sob o critério sociológico ou parassociológico”.⁵³ Tudo isso sendo fixado “com uma penetração, uma objetividade, uma segurança, uma minúcia, um luxo de pormenores significativos, que tornam seu ensaio obra de importância para o estudo sociológico e psicológico da ascensão do negro e do mulato na sociedade brasileira”.⁵⁴ Dessa forma, após termos analisado as justificativas metodológicas autorais na “Nota ao Leitor” e o modo com que Freyre recomenda e legitima o livro e seu autor como intérpretes da realidade social brasileira, podemos passar ao “embate prefacial” entre Mário Filho e Tomás Mazzoni, em que estilos e propostas de escrita da história mostram-se em conflito.

O EMBATE PREFACIAL: MAZZONI CONTRA MÁRIO FILHO

O método de Mário Filho foi criticado por um importante interlocutor contemporâneo, Tomás Mazzoni. Assim como Mário Filho, Mazzoni também era grande jornalista e historiador do esporte. Escreveu uma série de almanaques sobre futebol, foi incentivador do desenvolvimento de outros esportes e ideólogo daquilo que denominou *O esporte a serviço da pátria* (1941).⁵⁵ Em 1950, Mazzoni escreve *História do Futebol no Brasil* (HFB), livro grandioso, em volume e ambição. Seu objetivo era escrever a história geral do futebol brasileiro. Dizia ele que a obra “foi possível” graças “a 30 anos de arquivo por nós organizado, onde reunimos todos os documentos possíveis e necessários”.⁵⁶

As preocupações do texto são em relação à objetividade dos fatos e acontecimentos, datas, ordens, origens, escalões, resultados, “o primeiro ‘estádio’”, “a primeira Liga”, “a primeira bola brasileira”, “o certame paulista de 1902, o primeiro

⁵¹ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 24.

⁵² FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 24.

⁵³ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 24.

⁵⁴ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 26.

⁵⁵ Para o pensamento autoritário de Mazzoni, ver Silva, *Ordem em jogo*; e Tonet, *Tomás Mazzoni e o pensamento autoritário no esporte*.

⁵⁶ MAZZONI. *História do Futebol no Brasil*, p. 11.

realizado no Brasil”, “a primeira vitória de um quadro brasileiro sobre o time dos ingleses”, “o ‘sururu’ entre assistentes [...] o primeiro da série interminável” etc.⁵⁷ Citações longuíssimas de documentos escritos tomam conta de boa parte das páginas, assim como classificações de campeonatos, escalações, nomes de presidentes, explicações morais e técnicas para derrotas e vitórias. No momento, o que nos interessa não é como o texto é construído, mas como sua elaboração está intimamente ligada, por oposição, ao método de Mário Filho.

Mazzoni cita o *NFB* nas referências bibliográficas de *HFB* e lista Mário Filho como um dos poucos historiadores do esporte no prefácio autoral do livro, denominado “Introito”.⁵⁸ Ao apresentar a obra, já no primeiro parágrafo do prefácio, expõe que não partia dos mesmos pressupostos de seu colega. Sem citá-lo diretamente, a referência aos métodos de Mário Filho está implícita: “Não se trata, pois, de nenhuma história escrita pelo método ‘ouvimos dizer’, ou ‘nos contaram assim e assado’”. E continua: “Nossa preocupação foi a de reunir, nessa obra, antes de mais nada, os maiores dados possíveis acerca dos fatos principais, de importância estritamente nacional. Fatos e episódios de maior vulto”.⁵⁹ Pressupostos que parecem adequados às preocupações metodológicas oitocentistas historicamente defendidas pelo IHGB em “uma posição documental, de coleta, identificação e crítica de fontes”.⁶⁰

A concepção de História defendida por Mazzoni estaria fundamentada apenas em documentos oficiais, que, por sua vez, conduziriam à apreciação da verdade histórica. Se o resultado da pesquisa de Mário Filho era interpretativo, Mazzoni (1950) faz história com o intuito de “reunir”, “documentar” e “descrever”, “desde o seu berço até hoje”, os principais fatos do passado.⁶¹ Em *NFB*, percebe-se a proeminência do acontecimento pequeno, aparentemente despretensioso e corriqueiro, enquanto, na *HFB*, fatos que seriam intrinsecamente mais significativos ditariam o ritmo da escrita. O jornalista ítalo-paulista evidencia seus critérios historiográficos:

Por história devemos ter presente [...] a participação do Brasil nos campeonatos internacionais, as disputas dos campeonatos nacionais, os jogos

⁵⁷ MAZZONI. *História do Futebol no Brasil*.

⁵⁸ Os outros historiadores citados por Mazzoni são: Antônio Figueiredo, Leopoldo Santana, Paulo Várzea, Max Valentim, Horácio Werner, Afonso de Castro, Indalicio Mendes e Pimenta Neto.

⁵⁹ MAZZONI. *História do Futebol no Brasil*, p. 11.

⁶⁰ NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 392.

⁶¹ MAZZONI. *História do Futebol no Brasil*.

dos clubes brasileiros com os estrangeiros, etc; a implantação do futebol nos principais Estados, a fundação dos clubes de maior projeção nacional, os episódios e ocorrências que tiveram repercussão [...]. Foi esse o critério que escolhemos, para escrevermos a história.⁶²

Essa breve comparação demonstra como havia diversas maneiras de se pensar a história do futebol no Brasil com divergências significativas entre elas. Quando Olivio Montenegro (1948), resenhista da obra de Mário Filho, escreve que o *NFB* “não se endurece em forma de relatório nem se empacha de nomes e de datas”, é porque a “história relatório”, obsessivamente factual, era uma possibilidade nesse contexto historiográfico, uma vez que a produção da verdade histórica estaria vinculada a esse modo de condução da pesquisa.⁶³ A *HFB*, de Mazzoni, talvez seja, por isso, o melhor contraexemplo da proposta elaborada por Mário Filho. E essa oposição é demarcada nesse “embate prefacial”.

Cioso das objeções que seu trabalho poderia sofrer, Mário Filho assume que talvez seu relato gerasse desconfiança do leitor devido à profusão de detalhes no livro. Essa preocupação é demonstrada a João Condé, no suplemento literário “Letras e Artes” do *A Manhã*,⁶⁴ quando Mário Filho fala sobre o seu processo investigativo:

Com aquele material todo eu não devia hesitar um momento. Portanto foi mestre Gilberto Freyre que me animou [...]. Eu precisava de um estímulo assim, porque você não pode avaliar o trabalho que me deu juntar tudo isto numa narrativa corrente, sem uma interrupção. Tive de ir buscar fato por fato nas fontes originais, dispensar na memória de uma porção de gente que eu conhecia e não conhecia, que se lembrava e não se lembrava.⁶⁵

Aproximando o trecho acima da “Nota ao Leitor”, vê-se uma preocupação medular: como transformar a matéria-prima em um produto final coerente e aprazível? Como não ser confundido com um ficcionista? Devido aos inúmeros detalhes difíceis de serem cotejados com documentos impressos, que supostamente atestariam a verdade histórica, não estaria o trabalho sob suspeição?

⁶² MAZZONI. *História do Futebol no Brasil*, p. 11.

⁶³ MONTENEGRO. *Uma história de football*, p. 4-5.

⁶⁴ Suplemento literário “Letras e Artes” do jornal *A Manhã*, na seção “Confissões”. Esta edição, em particular conta com textos de Otto Maria Carpeux e o raro poema de Jaime Ovalle, *Fogo Morto*, dedicado ao amigo José Lins do Rego, pouco após a publicação do livro. Para o suplemento “Letras e Artes”, ver Scalzo, *História da literatura mora nos “Arquivos Implacáveis”*, 1996.

⁶⁵ RODRIGUES FILHO. *Confissões*, p. 9.

Na tentativa de enfrentar as indagações acima, Mário Filho estabelece no prefácio um pacto ético com o leitor afastando de si a pecha de “mentiroso” ou “romancista”. Essa é uma forma de se comprometer com a veracidade, ou antes, com um modo de operação mental próprio ao campo histórico, que, em sua linguagem, aparece como o avesso do uso da imaginação. Ele escreve: “Eu não me teria valido da imaginação de romancista que ainda não publicou um romance? Não, eu não usei a imaginação. Nenhum historiador teria tido mais cuidado do que eu em selecionar os dados, em comprovar-lhe [sic] a veracidade por averiguações exaustivas”.⁶⁶

Essa disposição em negar o uso da imaginação parece ser uma resposta à forma com que José Lins do Rego (1943) havia prefaciado o seu *Copa Rio Branco*, 32, fazendo muitas referências às qualidades de Mário Filho como “mestre do romance e da crônica”, dizendo que o livro era “um romance verdadeiro” e que “a Copa Rio Branco de 1932 teve a sorte de encontrar um historiador que é um romancista. E é em meio a essa aliança do fato com a imaginação que estaria a grande história que sobrevive”.⁶⁷ Assim, Mário Filho buscava, ativamente, distanciar-se de qualquer leitura de o *NFB* como obra ficcional. Afirma, com isso, o lugar prefacial como aquele que detém a primazia de encaminhar um modo de leitura da obra, ou nas acepções de Genette, firmar um polo de força no prefácio como um instrumento de “controle autoral” sobre os sentidos do livro.⁶⁸ Ainda, responderia também ao mal-estar oriundo de elogios de prefácios anteriores que, apesar de elevarem o nome do autor, poderiam prejudicar as suas intenções não-ficcionais. Tencionando firmar-se como historiador e legitimar o seu texto dentro dos códigos de leitura próprios dessa categoria epistêmica, Mário Filho oferece a dúvida, como a navalha que separaria o que entra e o que sai de sua história, uma vez que “às vezes uma simples dúvida me fazia inutilizar um capítulo, obrigando-me a novos trabalhos e pesquisas”.⁶⁹ Dessa maneira, o autor demarca suas pretensões analíticas nos limites da veracidade, comprovada pela postura de precaução frente àquilo que lhe chega aos ouvidos. Fazendo da dúvida um método, e preocupado com sua credibilidade como pesquisador, Mário Filho explicita cuidados analíticos fundamentais na construção do livro.

⁶⁶ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 23.

⁶⁷ REGO. *A biografia de uma vitória*, p. 6-8.

⁶⁸ GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 197.

⁶⁹ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 23.

Além disso, o autor julgou que esse pacto ético poderia não ser o bastante para atender os anseios dos leitores pela “verdade das coisas”. Por que teriam de confiar apenas em suas palavras? Os leitores poderiam confiar, porque garante que seu livro, além de tudo, passou por um processo extenuante de validação: “teve a mais ampla divulgação jornalística que se poderia desejar”, saindo diariamente nas páginas d’*O Globo*, “o jornal de maior circulação na imprensa brasileira”.⁷⁰ Dessa forma, Mário Filho atribuía ao público a função ratificadora do texto:

Uma vaidade eu tenho: a de apresentar uma obra que desafia contestação. Se eu tivesse exagerado, para não dizer deturpado os fatos, não faltariam desmentidos. [...] E não apareceu uma refutação de quem quer que fosse, embora quase todos os personagens da história do futebol brasileiro estejam vivos, tenham lido as páginas reunidas neste volume. O que prova que o que está aqui é a verdade pura e simples.⁷¹

A verdade histórica de sua narrativa ancorava-se, também, no respaldo dado pelos leitores d’*O Globo* durante a sua publicação no jornal. Para Mário Filho, a ausência de contestações, inclusive dos atores desse passado, comprovava a “verdade pura e simples” que contava no livro – sem “exageros”, sem “deturpações”, como diz.⁷² Dessa forma, podemos perceber que Mário Filho leva à narrativa histórica um regime de veracidade típico do ofício jornalístico, em que atores e leitores devem ser capazes de reconhecer a correspondência entre o real social e o escrito nas páginas do periódico, fato que conferiria credibilidade ao escritor. Nessa espécie de metamorfose do jornalista em historiador não se pode, portanto, desconsiderar o lugar de enunciação da verdade do jornalista Mário Filho. O jornalista investiga, revela e possui uma ambição de credibilidade. Por isso, Wisnik destaca a qualidade de nativo do autor, assim como Murad já havia denominado a postura de Mário Filho de “observação participante”:

O grande estudioso clássico do futebol brasileiro é, portanto, um nativo (como se usa o termo em antropologia) que se envolveu no próprio fenómeno até a raiz dos cabelos, fundando no espaço dos meios de massa as condições para o desenvolvimento das potencialidades que ele veio a exaltar. Seu trabalho difere, em quase tudo, dos tons ditados pela

⁷⁰ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 23.

⁷¹ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 23.

⁷² RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 23.

observação acadêmica que mal começava a se implantar sistematicamente no Brasil.⁷³

Wisnik ainda aponta para a metamorfose do jornalista em intérprete ocorrida em Mário Filho:

O jornalista (que vemos conversando com jogadores em fotos do início dos anos 30, com o típico chapéu de banda e um cigarro no canto direito da boca, qual um repórter de *Boca de Ouro* ou *Vestido de Noiva*) desdobra-se depois no ensaísta e intérprete que tratou em detalhe e em conjunto do fenômeno de cuja produção e projeção pública ele foi um dos motores fundamentais.⁷⁴

Assim, Mário Filho tenta solidificar a plataforma sobre a qual seu conhecimento se assenta. Ao fazer a investigação, com objetos e objetivos, hipótese e métodos, coincidir com o universo mental regido pelo ponteiro da memória dos que teriam condições de refutá-lo, Mário Filho procura tecer um regime de veracidade para o seu texto. Um dos produtos gerados por essa união é a confiança na palavra do autor – jornalista transformado em historiador – por meio do respaldo dos próprios personagens.

Consideradas em seu conjunto, as opções metodológicas de Mário Filho revelam uma concepção particular de verdade histórica, que se constrói menos pela autoridade dos documentos escritos do que pela escuta ativa das memórias e experiências dos protagonistas do futebol. Ao privilegiar a oralidade e desconfiar dos silêncios das fontes oficiais, o autor inscreve sua narrativa numa linhagem interpretativa próxima à de Gilberto Freyre, na qual a observação sensível dos traços culturais e a atenção ao cotidiano ganham centralidade.

Pode-se depreender, a partir desses elementos, as bases freyreanas da perspectiva analítica de Mário Filho, que valoriza o estudo, por exemplo, das rotinas passadas e sua ambição em entrar na “intimidade dos fatos”. O último termo, inclusive, ressoa aquilo que Freyre escreve em *Casa Grande & Senzala*: “No estudo da sua *história íntima* [grifo nosso] despreza-se tudo o que a história política e militar nos oferece de empolgante por uma quase rotina da vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo”.⁷⁵

⁷³ WISNIK. *Veneno remédio*, p. 238.

⁷⁴ WISNIK. *Veneno remédio*, p. 233.

⁷⁵ FREYRE. *Casa-Grande & Senzala*, p. 22.

Além disso, Jorge Morais e José Ratton afirmam que:

É comum encontrarmos, na obra de Gilberto Freyre a descrição e análise de um fenômeno de ordem macrosociológica intercalado por referências a pessoas concretas de carne-e-osso, pessoas estas que exemplificariam, ou antes, demonstrariam a existência do fenômeno sob análise. [...] A análise dos processos históricos de mudança social, segundo Freyre, passa necessariamente pela ação dos agentes sociais, e esta ação só pode ser capturada pelo método que ele denominou de empático.⁷⁶

Nesse ponto, é o próprio Mário Filho quem afirma o valor capital dos métodos e interpretações dos fenômenos socioculturais de Freyre para as suas reflexões:

Se eu não conhecesse Gilberto Freyre em Apipucos – fôra a Recife matar saudades da infância – talvez êste livro não fôsse escrito. [...] Não me lembro como, naquele primeiro encontro com Gilberto, conversa vai, conversa vem, comecei a falar da luta do negro para vencer no futebol. [...] Não precisei me estender muito, Gilberto foi logo dizendo que eu tinha de escrever o livro. Com aquele material todo eu não devia hesitar um momento. Portanto foi mestre Gilberto Freyre que me animou a realizar *O negro no futebol brasileiro*.⁷⁷

A vinculação entre prefaciador e autor não passou despercebida por críticos da obra, como nos lembra Marcos Chor Maio: “O sociólogo Costa Pinto, ao analisar o livro do jornalista Mário Filho sobre a história do negro no futebol brasileiro, critica-o pela utilização de estilo modernista lembrando ‘Gilberto Freyre [que] quase [o] oficializou nos seus trabalhos sociológicos’”.⁷⁸ Por seu turno, Freyre chancela o autor ao assinar o paratexto e conduz, pela escrita, Mário Filho ao posto de ensaísta e intérprete. Esse lugar de enunciação discursivo, como temos visto, o coloca em confronto direto com a tradição representada por Tomás Mazzoni, afeita à história ancorada em registros estatísticos, cronologias institucionais e preocupada com os “grandes eventos” do futebol. Freyre vincula Mário Filho ao ensaísmo histórico de formação nacional, esse modo narrativo que confere ao Brasil uma “individualidade histórica” e “certa tonalidade épica na história brasileira” a partir da “investigação sobre as próprias condições de possibilidades de uma experiência própria de mundo, de um futuro promissor”.⁷⁹

⁷⁶ MORAIS; RATTON JR. *Gilberto Freyre e o futebol*, p. 89-91.

⁷⁷ RODRIGUES FILHO. *Confissões*, p. 9.

⁷⁸ MAIO. *Tempo controverso*, p. 117.

⁷⁹ RODRIGUES. *O conceito de formação na historiografia brasileira*, p. 260.

CONCLUSÃO

No prefácio autoral, Mário Filho ao dar enfoque à validade de sua perspectiva metodológica está disposto a recusar aproximações de seu livro às formas literárias: o distanciamento do gênero romance, o cuidado declarado com o tratamento dos testemunhos e a validação obtida junto ao público leitor constituem os elementos centrais de um pacto de veracidade. Ao fim, o lugar que Mário Filho busca situar o seu livro não é apenas o de uma interpretação ensaística inovadora da presença do negro no futebol, como faz Gilberto Freyre, mas a afirmação de um regime específico de produção da verdade histórica, fundado na publicização dos resultados, na escuta das vozes dos atores pela mobilização das fontes orais e na relativização do documento escrito como fundamento exclusivo de legitimidade da interpretação histórica.

Gilberto Freyre, em seu prefácio, recorre às funções de recomendação e apresentação por meio da validação do texto e do autor e de um comentário crítico da obra. Ao fazê-lo, inscreve o livro de Mário Filho no interior de uma tradição ensaística do pensamento social voltada à compreensão das continuidades e rupturas da formação brasileira, a partir da inovação analítica que toma o futebol como vetor privilegiado da modernização nacional, sobretudo por sua capacidade inédita de promover a ascensão social do componente negro da sociedade. Ao situar o *NFB* como obra inovadora, capaz de revelar as dimensões culturais e civilizatórias do futebol, Freyre chancela Mário Filho como intérprete da brasilidade, ao mesmo tempo em que reforça sua própria posição de autoridade intelectual por meio da apropriação criativa do texto. Assim, o prefácio torna-se espaço estratégico de legitimação recíproca entre autor e prefaciador.

Por fim, o embate entre Mário Filho e Tomás Mazzoni adquire relevo exemplar entre dois modos distintos de representação do passado: de um lado, uma história construída a partir da escuta e da memória, sensível às dinâmicas sociais e raciais, essencialmente interpretativa; de outro, uma narrativa ancorada na autoridade documental, linear factual e pretensamente objetiva. Assim, os prefácios ao *NFB* buscam inseri-lo como parte de uma tradição interpretativa da realidade social brasileira e garantir a excelência da pesquisa, sobretudo no que tange ao recurso às fontes orais.

REFERÊNCIAS

- 200 anos, 200 livros. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 de maio de 2022.
- FERNANDES, Luis. Futebol, Racismo e Identidade Nacional (Prefácio à 4ª Edição). In: RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- FONSECA, Edson Nery da. **Gilberto Freyre**: prefácios desgarrados (v. 1). Rio de Janeiro: Cátedra Editora; Brasília: INL, 1978.
- FRANZINI, Fábio. **À sombra das palmeiras**: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959). Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002.
- FREYRE, Gilberto. O negro no foot-ball do Brasil. In: RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.
- FREYRE, Gilberto. O negro no futebol brasileiro (Prefácio à 1ª Edição). In: RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2009.
- GIL, Gilson Pinto. **Humildes, mascarados e gênios**: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho. Tese (Doutorado em História), IUPERJ, Rio de Janeiro, 1997.
- HELAL, Ronaldo; GORDON JR, Cezar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- MAIO, Marcos Chor. Tempo controverso: Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 11, n. 1, São Paulo, 1999.
- MAZZONI, Tomás. **História do futebol no Brasil** (1894-1950). São Paulo: Edições Leia, 1950.
- MENDONÇA, Marcos de. Carta sobre o 'Negro no football brasileiro'. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, Edição 5968, 04 de fevereiro de 1949, p.5.
- MONTENEGRO, Olivio. Uma história de football. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, Edição 5796, 15 de julho de 1948, p. 4-5.
- MORAIS, Jorge Ventura de; RATTON JR, José Luiz. Gilberto Freyre e o futebol: entre processos sociais gerais e biografias individuais. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n.1, p. 89 e 91, 2011.
- MURAD, Maurício. Considerações possíveis de uma resposta necessária. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n.24, p. 431-446, 1999.
- NICOLAZZI, Fernando. **Um estilo de história**: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-Grande & Senzala e a representação do passado. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

REGO, José Lins do. A biografia de uma vitória. In: RODRIGUES FILHO, Mário. **Copa Rio Branco, 32**. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1943.

RODRIGUES FILHO, Mário. Confissões: O negro no foot-ball brasileiro (À João Condé). **Letras e Artes**: Suplemento de *A Manhã*, ed. 38, 13 abr. 1947, p. 9.

RODRIGUES FILHO, Mário. **Copa Rio Branco, 32**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1943.

RODRIGUES FILHO, Mário. Nota ao Leitor. In: RODRIGUES FILHO, Mário **O negro no foot-ball brasileiro** Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

RODRIGUES FILHO, Mário. Nota ao Leitor. In: RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

RODRIGUES, Henrique Estrada. O conceito de formação na historiografia brasileira. In: MEDEIROS, Bruno Franco e outros (org.). **Teoria e historiografia**: debates contemporâneos. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

SCALZO, Fernanda. História da literatura mora nos “Arquivos Implacáveis”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno Ilustrada, 21 de março de 1996.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol**: O Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVA, Rafael Santos. **Ordem em jogo**: jornalismo esportivo, disciplina e nacionalismo na produção de Thomaz Mazzoni (1920 - 1941). Dissertação (Mestrado em História), PUC, Rio de Janeiro, 2013.

SOARES, Antônio Jorge. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em História), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

TONET, Vinicius Garzon. ‘Não seria o destino do foot-ball?’: história, memória e sentido em *O negro no foot-ball brasileiro*, de Mário Filho. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 7, n. 3, p. 76-92, 2023.

TONET, Vinicius Garzon. Tomás Mazzoni e o pensamento autoritário no esporte. **Ludopédio**, São Paulo, v. 137, n. 5, 2020.

WISNIK. José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

* * *

Recebido em: 20 jan. 2026.
Aprovado em: 11 fev. 2026.